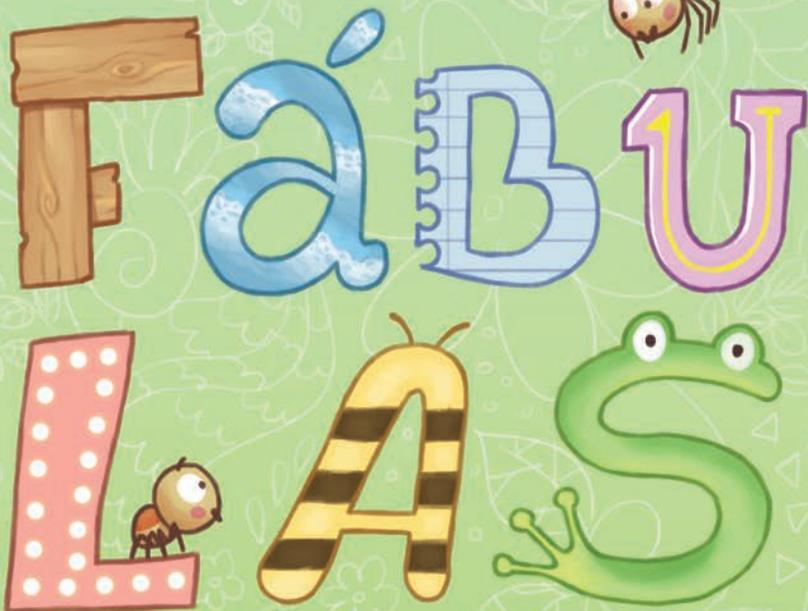


A AVENTURA das ARANHAS e outras



Autora: Sandra Aymone

Ilustrações: Estúdio Pandora

Copyright© 2019. Fundação Educar DPaschoal. A reprodução de textos e imagens é permitida para finalidades não comerciais e com citação da fonte.

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Juliana Furlanetti

COLABORAÇÃO: Adler Felipe C. Leite, Camila C. Figueiredo, Carolina Baldin Meira, Cristiane A. Stefanelli, Isabela Pascoal Becker, Leticia Bianca F. Talassi, Simone Barbosa dos Santos

AUTORA: Sandra Aymone

PROJETO GRÁFICO: Estúdio Pandora

REVISÃO: Sâmia Rios

REALIZAÇÃO: Fundação Educar DPaschoal - (19) 3728-8129

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A982 Aymone, Sandra.

A aventura das aranhas e outras fábulas / Sandra Aymone ; ilustrações Estúdio Pandora. — Campinas : Fundação Educar DPaschoal, 2019.

44 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7694-283-2

1. Literatura infantojuvenil. 2. Fábulas. 3. Cultura. I. Estúdio Pandora. II. Título.

CDD 808.899282



Esta obra foi impressa na Santa Edwiges Artes Gráficas, em papel cartão (capa) e papel couché (miolo). Esta é a 1ª edição, datada de 2019, com tiragem de 3.000 exemplares. (PRONAC: 1414380 – Cultura em páginas)

A AVENTURA das ARANHAS e outras

F á B U
L A S



AO CONTADOR DE HISTÓRIA

Em um universo repleto de estímulos e mudanças, não há como fazer de conta que os medos não existem. Cada nova situação que surge sempre é uma fonte de novos questionamentos, que incluem a nem sempre fácil decisão sobre qual o melhor caminho a percorrer.

As fábulas carregam símbolos que levam a criança à autodescoberta, à resolução de conflitos internos e à formação de caráter. Quando ela faz associações, do livro para sua vida, ela passa de leitora a personagem principal de sua própria história, um protagonista fortalecido em sua capacidade de ver, compreender e analisar o mundo à sua volta.

O ponto de referência para a construção deste conjunto de histórias foi os princípios do Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI elaborado para a UNESCO, denominado “Educação: Um Tesouro a Descobrir”. Esses princípios, conhecidos como “Os Quatro Pilares da Educação” são: *Aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer*. Para nós, *aprender a ser* é desenvolver o autoconhecimento por meio do pensamento crítico, tendo em mente um sentido ético perante a sociedade; *aprender a conviver* é desenvolver habilidades de cooperação em todos os tipos de atividades humanas; *aprender a aprender* é adquirir estratégias de compreensão de novos saberes, e, finalmente, *aprender a fazer* é desenvolver habilidades que permitam colocar em prática a teoria estudada.

A intenção é que este livro seja uma ferramenta de auxílio para uma educação capaz de desenvolver competências e habilidades socioemocionais por meio de uma leitura prazerosa.

Entretanto, muito além do conhecimento que possa nos transmitir, para que se torne inesquecível, uma fábula precisa tocar nossa emoção. E para que tudo isso chegue ao coração de uma criança, é importante que ela sinta que não está sozinha e que alguém lhe conte a história... Alguém que ouça o convite que ela faz: “Leia Comigo!”

Sandra Aymone e
Fundação Educar DPaschoal

A AVENTURA DAS ARANHAS

No quintal de uma casa, viviam duas aranhas que eram irmãs, Lina e Teca. Já estavam crescidas, e chegava a hora de terem teia própria. Como as duas eram muito amigas, apesar de pensarem diferente sobre quase tudo, decidiram morar juntas. Saíram, então, à procura de um bom lugar para sua nova teia.

Lina não tinha pensado sobre o assunto, mas Teca tinha paixão pela luz e pelo calor do sol, e propôs à irmã:

— Vamos morar no Sol? Talvez seja longe, mas aposto que nunca uma aranha chegou lá! Vale o desafio! Seremos as primeiras!

Lina achou a ideia meio louca, mas, como tinha preguiça de pensar, e mais ainda de discutir, aceitou a proposta de Teca.

No dia seguinte, bem cedo, as duas aranhas começaram sua tarefa. A ideia de Teca era prenderem os fios da teia em lugares cada vez mais altos, até chegarem ao Sol. Ela disse:

— Primeiro, vamos subir nesta árvore bem alta, para começar nosso trabalho lá em cima. Deve ser uma macieira, pois está cheia de frutos vermelhinhos...



Para a aranha, tão pequenina, um simples pé de tomate que havia na horta da casa, carregado de frutos, parecia uma grande árvore.

Lina duvidou que aquilo fosse mesmo uma macieira, mas, como não tinha interesse por plantas, seguiu Teca.

Quando chegaram lá em cima, prenderam a teia na folha mais alta e continuaram sua subida. As aranhas e seus fios eram tão leves que qualquer ventinho fazia com que flutuassem e subissem no ar.

— Agora vamos levar os fios até o topo daquela montanha enorme que estou vendo daqui — disse Teca.

A “montanha” que a aranha estava vendo não passava de um montinho de areia que tinha ficado no quintal depois de uma obra na casa.

Com muito esforço, e levando quase o dia inteiro, as aranhas alcançaram o topo do monte.

— Queria só ver a cara de quem duvidou de nós! — disse Teca, orgulhosa. — Aposto que uma aranha nunca chegou tão alto!

Lina achava que a irmã estava exagerando. Enquanto Teca dava pulos de alegria, ela só conseguia se sentir cansada. A noite tinha chegado, e as duas trataram de dormir.



Quando acordaram de manhã, a dona da casa já tinha pendurado no varal alguns lençóis e fronhas brancos, que balançavam ao vento.

— Quem diria! — disse Teca ao vê-los. — Já estamos bem perto das nuvens! Como são branquinhas! Vamos até lá!

Lina achou aquilo mais parecido com... panos. Mas não tinha outra sugestão para dar e seguiu a irmã.

Algum tempo depois, conseguiram prender os fios num lençol.

Teca fez mais uma descoberta:

— Eu sempre quis saber como as nuvens ficavam presas no céu sem cair. Agora já sei que elas ficam penduradas nessa corda comprida. Acho que estou ficando a aranha mais sabida do mundo!

Como um dos lençóis estava recém-lavado, pingando água, ela ficou encantada ao ver, de pertinho, “uma nuvem chovendo”...

Depois de descansarem um pouco nas nuvens-lençóis, as aranhas recommçaram a subida. A certa altura, Teca exclamou:

— Que beleza! Já estou vendo o Sol bem perto! Hoje mesmo a gente chega lá!

Na verdade, o “sol” que ela estava vendo era a lâmpada de uma luminária presa na parede, perto do telhado, que alguém tinha esquecido acesa.

Já estava anoitecendo novamente. Depois de subirem bastante, pararam para descansar. Naquele momento,



um bando de vaga-lumes apareceu, piscando suas luzes. Lina ficou assustada, mas Teca achou lindo! Exclamou:

— Estamos tão perto das estrelas do céu, que quase pude tocar em uma! Ou será que não são estrelas? Estão se movendo. Acho que são cometas!

Continuaram subindo mais e mais, até que chegaram bem perto da lâmpada. A luz, cada vez mais forte, feriu seus olhos. Dessa vez, Lina abandonou sua apatia, decidiu raciocinar e disse:

— Mana, se o Sol já ilumina tudo lá no chão, imagine perto dele! É luz demais, não vamos conseguir enxergar nada direito! Desculpe, mas acho que aqui não é lugar bom para se morar. Vamos pensar em outra coisa?

Teca refletiu sobre as palavras de Lina e teve de concordar. O sentimento de frustração por não poder realizar seu sonho ficou mais leve, por ver a mana, enfim, participar das decisões!

Naquele momento, uma mariposinha, dessas que voam em torno das lâmpadas, não viu as aranhas e chocou-se contra as duas, fazendo-as cair. Teca gritou:

— Socorro! Uma nave espacial atropelou a gente!

As duas aranhas caíram bem em cima de uma velha bola branca, de plástico, que as crianças da casa tinham esquecido sobre uma pilha de caixotes.

Passado o susto, Teca olhou em volta e exclamou:

— Que maravilha, mana! Fomos cair bem em cima da Lua!

Lina exclamou:

— Isso, sim, é um lugar bom para se morar! — E, comovida, beijou a irmã, acrescentando em seguida: — Obrigada, mana! Essa aventura me ensinou tanta coisa nova! Sua imaginação, suas ideias e sua alegria me contagiaram! Quando enjoarmos da Lua, eu é que vou escolher o próximo lugar.

E começou a olhar em volta para ter uma ideia.

Nesse momento — bzzzzzzzz! — um besouro passou voando. Lina sorriu para Teca e completou:

— Mas, dessa vez, não vamos nos cansar tanto. Vamos viajar num avião igual a esse que passou!

E as duas se abraçaram, sorrindo.

A criatividade resolve problemas e dá mais cor à vida!



DUPLO SILÊNCIO

(CONTO INSPIRADO EM UMA LENDA JUDAICA)

Era uma vez duas capivaras muito amigas, que moravam no campo. Cada uma tinha sua casa, mas trabalhavam juntas, cultivando feijão.

Desde a hora em que o sol nascia até a noite, as duas passavam trabalhando, parando apenas, mas por pouco tempo, na hora das refeições.

Roçavam a terra, aravam, semeavam, numa rotina diária muito difícil e exaustiva. E sabiam que, mesmo assim, tanto trabalho não era garantia de sucesso. Dependiam dos ventos, do sol e da chuva na medida certa para que as sementes germinassem, as plantas crescessem, e elas, finalmente, pudessem colher o resultado de tanto esforço.

Nos anos anteriores, tinha chovido demais ou tinha chovido de menos, ou o vento excessivo tinha ressecado a terra, de modo que a colheita sempre ficava muito abaixo do esperado. Mas as duas não desistiram. Uma apoiava a outra, e animavam-se mutuamente com frases otimistas:

- Este ano vai dar certo!
- Vai, sim! Vamos trabalhar mais depressa, pra não perder a estação das chuvas!



Até que, finalmente, chegou a grande colheita! Tudo o que tinham plantado cresceu e brotou com força! As vagens de feijão se multiplicavam diante dos seus olhos. As amigas capivaras viram, enfim, seu esforço ser recompensado! Uma delas comentou, eufórica:

— Deu tudo certo! Desta vez vamos fazer ótimos negócios na cidade!

— Vamos poder trocar nosso feijão por todos os outros produtos de que precisamos! — completou a outra.

Com paciência, esperaram o momento certo da colheita, quando as vagens já estão secas, como palha. Depois de colher, outro trabalho: bater com bambus nas vagens, para separar os grãos da palha. Em seguida, limpar tudo e colocar o feijão em sacas.

Quando terminaram, dividiram por igual, e cada uma levou sua parte para casa.

À noite, já na cama, com o corpo dolorido do trabalho cansativo, uma das capivaras começou a pensar:

“Eu tenho uma família grande. Meus pais me ajudam sempre que preciso, tenho um marido que também trabalha duro, na construção de casas. Nossos filhos



são saudáveis. Eles me darão segurança durante toda a minha vida. Já a minha amiga vive sozinha, não tem família nem ninguém para apoiá-la. Com certeza, ela vai precisar muito mais dessa colheita do que eu, para construir um futuro seguro.”

Levantou-se em silêncio, para não acordar ninguém, colocou na carroça metade de suas sacas de feijão, acendeu uma lanterna e saiu pela estrada.

Ao mesmo tempo, em sua casa, a outra capivara não conseguia dormir. Pensava:

“Para que preciso de tantas sacas de feijão, se não tenho ninguém para sustentar? Não tenho parentes, nem filhos, e não penso em me casar. As minhas necessidades são muito menores do que as da minha amiga, que ajuda seus pais e ainda tem filhos para criar.”

Feliz com a ideia que brotou desses pensamentos, e sem querer esperar nem um minuto mais, pulou da cama. Encheu a sua carroça com a metade de sua parte do feijão e saiu na madrugada, dirigindo-se à casa da outra.

Na estrada escura e deserta, viu, ao longe, uma luz. Outra carroça se aproximava. Quem seria, àquela hora, tão tarde da noite?

Cautelosa, a capivara parou e esperou para ver quem se aproximava.

Pouco tempo depois, a surpresa! As duas amigas estavam frente a frente!

Rapidamente o espanto deu lugar a um sorriso carinhoso. Nenhuma das duas disse nada, mas ambas compreenderam tudo!

Desceram de suas carroças, aproximaram-se... e o luar iluminou o abraço da verdadeira amizade!

Amigo fiel é proteção poderosa, e quem o encontrar terá encontrado um tesouro!



O RIO SEM PONTE

Você conhece aquela música?

*De olhos vermelhos,
de pelo branquinho,
de pulo bem leve,
eu sou o coelhinho.*

*Sou muito assustado,
porém sou guloso:
por uma cenoura
já fico manhoso!*

O coelhinho desta história era assim: branquinho, de olhos vermelhos e... assustado! E meio nervosinho. Mas também era prestativo, obediente e muito criativo.

Um dia, sua mãe pediu a ele que levasse um presente para o avô, que tinha acabado de se mudar. A casa dele ficava a algumas horas dali. A mãe explicou o caminho com todos os detalhes e completou:

— Prestando bem atenção, não tem como errar. Você vai passar por vários rios.

O coelho já se assustou:

— Mas mamãe, eu não sei nadar... e não tenho barco!



— Calma, meu filho! — sorriu a mãe. — Todos os rios têm ponte, não se preocupe.

No dia seguinte, cedinho, o coelho saiu, levando o presente. Era a primeira vez que ia tão longe sozinho, e estava um pouco ansioso com a aventura.

Depois de algum tempo de caminhada, encontrou o primeiro rio. Suas águas cristalinas corriam sem pressa, carregando folhas secas que pareciam barquinhos flutuando sem destino. Logo o coelhinho avistou uma ponte de madeira, que atravessou sem nenhum problema.

Ao longo da manhã, foi sempre assim, sem muita novidade. Vários rios, várias pontes. Rios claros, rios escuros, alguns tranquilos, outros agitados. Pontes de madeira, de bambu, de tijolo...

Depois de algumas horas, ele sentiu fome. Parou e comeu o sanduíche de alface com cenoura que tinha levado. Descansou um pouco embaixo de uma árvore e logo retomou seu caminho.

Até que chegou a um rio de águas barrentas. Procurou a ponte, mas não encontrou. Procurou de novo. Em pouco tempo, percebeu que não havia ponte! Alarmou-se!



— Como assim? Mamãe garantiu que todos os rios tinham ponte! Ela deve ter se quebrado e desaparecido na água! E agora?

Já aflito, ficou tentando encontrar uma maneira de seguir viagem. Viu alguns sapos na beira do rio e teve uma ideia. Foi falar com eles, dizendo depressa:

— Preciso atravessar o rio para levar um presente para o meu avô, mas não sei nadar, não tenho barco e aqui não tem ponte! Podem me fazer um favor? Chamem todos os sapos e deem as mãos, para eu passar por cima de vocês e chegar à outra margem!

Os sapos pularam na água, cantando:

— *O coelho não lava o pé...
não lava porque não quer!*

E, rindo muito, sumiram de vista.

O coelho começou a andar rapidamente, de um lado para o outro, procurando uma solução. Então, olhou para uma árvore que havia na margem e teve outra ideia. Disse a ela, de um jeito ainda mais atropelado, misturando as palavras:

— Preciso atravessar o rio para nadar um presente para o meu avô, mas não sei levar, não tenho uma ponte e aqui não tem barco! Pode me fazer um favor? Deite seu tronco sobre o rio para eu passar por cima e chegar à outra margem!

A árvore não entendeu nada. Além do mais, estava bem enraizada no solo e não podia atender ao pedido do coelho.

O coelho começou a puxar os bigodes de nervoso. E agora? Que problemão! Tinha que achar um jeito de atravessar o rio!

Avistou várias pedras perto dali e teve mais uma ideia. Aproximou-se delas e tentou pedir, embolando tudo:

— Preciso nadar o barco para levar um presente para minha ponte, mas não sei atravessar, não tenho um rio e aqui não tem avô! Por favor, empilhem-se umas sobre as outras, para que eu possa passar!

Parece que as pedras também não entenderam nada, porque nem se mexeram.

O coelho chegou ao ponto máximo do nervosismo. Revoltado por não conseguir ajuda, andava em círculos, sem saber o que fazer. Então viu que alguém se aproximava na outra margem do rio. Era uma garça.

Decidiu tentar novamente. Respirou fundo, acalmou-se um tantinho e conseguiu falar duas frases sem misturar tudo:

— Ei, garça! Você pode me ajudar a atravessar esse rio?

A garça fez uma cara intrigada, de quem não tinha entendido.

Ele gritou mais alto. A garça continuava não entendendo.

O coelho gritou com todas as suas forças:

— EI, GARÇA! VOCÊ PODE ME AJUDAR A ATRAVESSAR ESSE RIO?

Finalmente, a garça deu mostras de ter entendido e começou a caminhar em sua direção. Sem nenhuma

dificuldade, ela atravessou o “rio”, que era só a água da chuva do dia anterior, descendo do morro, mas tão rasa que mal chegava às suas canelas!

Ela pegou o coelho pela pata e voltou com ele para o outro lado, cruzando, novamente, a enxurrada.

Ao chegarem lá, a garça disse:

— Está bem assim?

De boca aberta, o coelho não conseguia acreditar que quase tinha surtado por nada!

— Não me conformo! Fiz tudo como minha mãe ensinou, tive iniciativa e criatividade para resolver um problema... Só que o problema, no fim, nem existia!

E a garça arrematou, com uma risada:

— Sim, mas faltou calma e, principalmente...

CURIOSIDADE!

Dizem que, depois dessa experiência, o coelhinho aprendeu a controlar melhor suas emoções.

*Ao tentar resolver um problema,
primeiro tenha certeza de que ele existe!*



O VELHO, O MENINO E A MULINHA

(ANTIGA FÁBULA DE LA FONTAINE, RECONTADA EM QUADRINHAS)

*Um senhor falou, um dia,
a um menino, seu amigo:
— Vou vender minha mulinha.
Venha à cidade comigo.*

*Em seguida, trouxe a mula,
muito limpinha e tratada,
e logo, com ela, os dois
caminhavam pela estrada.*

*Disse o senhor ao menino:
— Nenhum de nós vai montado.
O caminho é um pouco longo,
quero o bicho descansado.*

*Depois de algum tempo andando,
passaram por um sujeito
que, olhando como os três iam,
disse não estar direito...*

*— Nunca vi tanta injustiça!
Uma maldade é o que é!
A mula andando vazia,
e o pobre velho indo a pé!*



*Não querendo contrariar
o que um estranho dizia,
o senhor montou na mula,
fazendo o que não queria.*

*Porém, não demorou muito
pra o seu sossego acabar.
Passando por lavadeiras,
começaram a criticar.*

*— Que velho mais desalmado!
Vai montado e não se cansa!
Não se lembra de levar
junto dele esta criança!*

*Mais uma vez dando ouvidos
a qualquer disse me disse,
o senhor fez ao menino
um sinal pra que subisse.*

*O menino compreendeu
e na mulinha subiu.
Ao ver os dois sobre ela,
um viajante sorriu:*



— Dois em cima de uma mula,
tendo pés para andar!
Por que o adulto não cuida
de seu próprio caminhar?

O senhor, mais uma vez,
entendeu estar errado:
desceu da mula e deixou
só o menino montado.

Um lavrador que passava
nos dois prestou atenção.
— Boa tarde, majestade! —
disse em tom de gozação.

Seu cumprimento atrevido
ele foi logo explicando:
— O príncipe vai montado,
e o escravo vai puxando!

Tentando encontrar um jeito
de satisfazer o povo,
o senhor disse ao menino:
— Desça da mula de novo!



*A mula levou um susto,
pois do chão foi levantada!
E os dois seguiram caminho,
levando-a carregada!...*

*Mas nem assim conseguiram
fazer o povo calar:
— Dois burros levando o outro! —
logo ouviram alguém gritar.*

*Depois de tanto trabalho,
sem ter nenhum resultado,
o senhor disse ao menino:
— Estamos agindo errado!*

*— Percebi que é impossível
contentar a toda gente.
Quem quer isso fica louco!
Vou mudar daqui pra frente.*

*— Agora só presto contas
à minha própria consciência.
Quem não gostar, sinto muito,
vai precisar ter paciência.*

Se cada um pensa de um jeito diferente, o melhor é refletir e agir com consciência... e não se abalar com as críticas.



OS PRESENTES DA TARTARUGA

O aniversário de 100 anos da tartaruga estava se aproximando, e ela andava muito preocupada com os outros animais, seus vizinhos.

O motivo era que todos tinham se tornado tão voltados para si mesmos que ninguém mais fazia nada em grupo, nem se ajudava, nem fazia amizade. Além disso, em geral, eram muito invejosos, sempre dando valor apenas ao que pertencia aos outros. Pareciam nunca estar contentes.

Ela decidiu que precisava fazer alguma coisa e teve uma ideia: anunciou a todos que daria uma festa. Mas avisou que ninguém deveria se preocupar em lhe trazer nada. Em vez de ganhar presentes, seria ela própria quem daria um presente a cada convidado. Além disso, cada um teria direito de realizar um desejo!

Não deu outra: os convidados da tartaruga compareceram em peso.

Logo que todos haviam chegado, reuniram-se em torno da pilha de pacotes coloridos, enfeitados com grandes laços, que havia ao redor de uma árvore.

Cada um pegou o pacote com seu nome e abriu.



*A cegonha ganhou oito pulseiras,
mas não tinha braços para colocar.
Desejou ter braços como o polvo,
e viu seu desejo se realizar.*

*O polvo ganhou uma fita vermelha,
mas não tinha cabelo para amarrar.
Desejou ter crina como a zebra,
e viu seu desejo se realizar.*

*A zebra ganhou um paraquedas,
mas não tinha asas para voar.
Desejou ter asas como a arara,
e viu seu desejo se realizar.*

*A arara ganhou um par de brincos,
mas, sem orelhas, não podia usar.
Desejou orelhas como as do coelho,
e viu seu desejo se realizar.*

*O coelho ganhou um par de óculos,
mas, em seu narizinho, iam escorregar.
Desejou ter tromba, como o elefante,
e viu seu desejo se realizar.*

*O elefante ganhou um belo anel,
mas, sem ter dedos, como colocar?
Desejou ter dedos iguais aos do macaco,
e viu seu desejo se realizar.*



*O macaco ganhou uma prancha de surfe,
mas não se sentia pronto pra nadar.
Desejou nadadeiras de tubarão,
e viu seu desejo se realizar.*

*O tubarão ganhou um par de tênis,
mas, sem ter pés, como iria calçar?
Desejou dois pés iguais aos do sapo,
e viu seu desejo se realizar.*

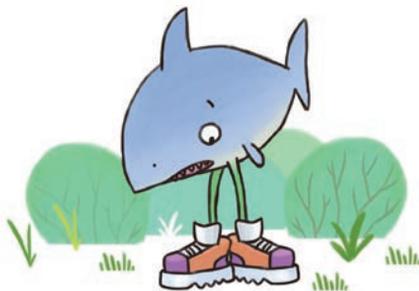
*O sapo ganhou uma linda gravata,
mas, sem pescoço, não podia usar.
Desejou um pescoço como o da cegonha,
e viu seu desejo se realizar.*

*Quando se acabaram todos os desejos,
os bichos correram a se admirar.
Mas o resultado não agradou ninguém,
E a turma toda se pôs a chorar...*

Eles perceberam que gostavam do jeito que eram antes, e cada um, muito frustrado, acabou desistindo do que tinha desejado. A cegonha se lamentava:

— Como sou infeliz! Nasci com asas, não sei voar com braços, mas não vou poder usar meu presente!

— Pra mim é pior! — deambulava-se o coelho em lágrimas. — Aquela tromba era maior do que eu! Mas agora, nunca vou conseguir usar os óculos que ganhei!



— E eu quase deixei de ser um peixe com aqueles pés de sapo! — fungava o tubarão. — A verdade é que não sirvo pro meu presente!

Nesse ponto, a sábia tartaruga pediu a palavra:

— *Se dei os presentes, tive uma intenção:
foi uma maneira de fazer pensar.
Pois, em vez de só olharem para si,
será bom se, em volta, puderem olhar.*

— *O presente certo, logo encontrarão,
se souberem em seu amigo reparar.
Se fizerem isso, darão seu presente
para quem melhor puder aproveitar!*

A princípio, ninguém compreendeu a intenção da tartaruga.

A cegonha foi a primeira a entender a mensagem. Olhou para todos os convidados, arregalou os olhos, como se tivesse feito uma grande descoberta, e falou:

— É isso!

E, aproximando-se do polvo, perguntou se ele aceitaria as pulseiras de presente. Muito contente, ele aceitou. Em seguida, foi a vez dele de olhar em volta.

*O polvo...
deu a fita à zebra,
que deu o paraquedas à arara,
que deu os brincos ao coelho,
que deu os óculos ao elefante,*

*que deu o anel ao macaco,
que deu a prancha ao tubarão,
que deu os tênis ao sapo,
que ofereceu a gravata à cegonha.*

Todos se olharam com admiração! Finalmente, não havia mais ninguém triste ou insatisfeito. Além do mais, descobriram a alegria de fazer amigos, porque finalmente prestaram atenção no outro!

A festa ficou muito mais animada e prosseguiu por horas, até que o elefante ficou sério e quis falar:

— Amigos! Em nosso egoísmo, acabamos deixando de presentear nossa querida amiga tartaruga, que tanto nos ensinou, justamente no dia em que completa um século de vida!

A tartaruga sorriu e respondeu:

— Ao contrário: hoje recebi o maior presente de todos! Ver vocês nessa confraternização tão feliz é muito mais do que eu poderia desejar! Espero que essa grande amizade continue amanhã e para todo o sempre!

Quem tinha patas bateu palmas. Quem não tinha fez uuuuuuuuu!

*Quem só olha para o próprio umbigo
nunca vai ser um bom amigo!*



A ONÇA QUE QUERIA COMER ABÓBORA

A Cutia e a Anta estavam conversando. As duas trocavam ideias de forma tão animada que a Rainha Onça-Pintada, passando perto dali, acabou ouvindo tudo. O assunto era abóbora e as delícias culinárias que podemos preparar com ela.

Apesar de ser um animal carnívoro, a Rainha Onça tinha curiosidade sobre outros paladares. Já com água na boca, louca para experimentar aquelas receitas, teve uma ideia. Reuniu os animais em uma clareira, no meio da mata, e anunciou um concurso:

— Queridos súditos! Ando enjoada de comer carne todo dia. Quero variar. Convido todos os talentos culinários do reino para concorrer a um prêmio. Esse prêmio será... uma linda casa na árvore!

Os animais ficaram animadíssimos, já se achando os melhores cozinheiros da floresta e de olho na casa nova que poderiam ganhar. A Rainha Onça continuou:

— Darei uma abóbora-moranga a cada um dos concorrentes. Em três dias, a contar de hoje, voltarei aqui para escolher o vencedor. Prestem atenção no desafio: quem usar a abóbora da forma mais criativa será o ganhador!



Não havia tempo a perder. Vários animais correram para se inscrever. A Anta e a Cutia foram as primeiras. O Quati, o Lobo-Guará, a Seriema, o Tatu, o Tamanduá e a Lontra também compareceram. Por último, inscreveu-se a Preguiça. Todos receberam sua abóbora e seguiram depressa para suas casas, dispostos a criar uma receita mais incrível que a outra.

De todos, a Preguiça era quem morava mais longe. E, como se sabe, ela é um bicho muito lento em tudo que faz, de modo que, quando chegou à sua casa, já estava praticamente na hora de começar a retornar para a final do concurso!

E o grande dia chegou. Uma mesa comprida tinha sido montada na clareira, onde a Rainha Onça aguardava, junto de sua conselheira, a Doutora Coruja, para julgar as delícias preparadas para a ocasião. Na hora combinada, todos os concorrentes se apresentaram, trazendo suas criações em todo tipo de recipiente: vasilha, travessa, caçarola, cumbuca.

Todos, não. Faltava a Preguiça, que, apesar de lenta, era muito querida. Já prevendo seu atraso, todos concordaram em esperar mais um pouco.

Quando a Onça já começava a dar sinais de impaciência, a Preguiça chegou, toda esbaforida, como se tivesse corrido o máximo que podia — levando-se em conta que “corrida” de preguiça não passa muito de meio quilômetro por hora.

Ela trazia na mão a abóbora, que tinha uma alça de cipó, e a parte de cima cortada, como se tivesse tirado dela uma “tampa”.

Começou a apresentação dos pratos.

Tinha de tudo: prato salgado, prato doce, entradas, petiscos, sobremesas. O da Anta tinha um nome comprido: “Doce de abóbora com crocante de castanha de caju e sorvete cremoso de gengibre”. Huuummm, parecia ótimo!

A Cutia fez *chips* de cascas de abóbora. O Tatu apresentou uma bela salada de abóbora com queijo de cabra. A Onça ia provando e conversando bem baixinho com a Coruja, que tomava notas.

Quando chegou a vez da Preguiça, ela deu um passo à frente e disse:

— Majestade, como eu moro longe e não tinha muito tempo, achei melhor fazer uma coisa simples.

E tirou de dentro da abóbora um embulho feito com folha de bananeira, que ofereceu à Rainha. Esta, curiosa, desembulhou e viu que era um simples pastel!

A Preguiça apressou-se a explicar:



— Majestade... Tomei a liberdade de trazer esse pastel de forno, recheado com abóbora, que é simples, mas muito gostoso. É um dos meus preferidos. Confesso que pretendia fazer algo diferente, mas vi que não teria tempo. Passei por muitos obstáculos! Se quiserem, posso contar.

— Prossiga! — ordenou a Onça, curiosa.

A Preguiça contou:

— Bem, logo que entrei na cozinha, sem querer, derrubei da prateleira a fôrma de barro que eu tinha para usar no forno. Ela se quebrou em mil pedaços!

Que fazer? Eu precisava ter uma ideia! E tive!

Cortei uma “tampa” da abóbora, tirei tudo o que tinha de dentro dela, e ela virou uma fôrma para assar o pastel.

Depois que o pastel ficou pronto, embrulhei-o em uma folha de bananeira, e já ia saindo, quando percebi que uma tempestade muito forte tinha começado.

Que fazer? Eu precisava ter uma ideia! E tive!

Virei a abóbora ao contrário, espetei nela uma bengala, e ela se transformou num guarda-chuva!

Caminhei com dificuldade debaixo da chuva, mas pelo menos o pastel estava protegido e ia chegar bem sequinho! Até que a chuva parou, mas o caminho à



minha frente tinha virado uma enxurrada impossível de atravessar a pé.

Que fazer? Eu precisava ter uma ideia! E tive!

Virei de novo a abóbora com a parte oca para cima e usei-a como barco! Com a ajuda da bengala, afastei os obstáculos do caminho e consegui vencer mais esse desafio!

Só então percebi que, com tudo que tinha acontecido, a folha de bananeira que embrulhava o pastel estava ficando toda amassada. Eu precisava de um recipiente para colocar minha obra, de modo que ela chegasse arrumadinha e apresentável ao concurso.

Que fazer? Eu precisava ter uma ideia! E tive!

Amarrei uma alça de cipó na abóbora e ela virou uma bolsa! Alisei bem meu embrulho e coloquei-o dentro dela. E, finalmente, cheguei aqui. Apesar de um pouco atrasada, acho que cumpri meu compromisso.

Depois que todos os concorrentes tinham apresentado seus pratos, a Rainha Onça e a Doutora Coruja foram para um canto conversar. A decisão parecia não estar muito fácil, porque elas falavam, falavam e não chegavam a uma conclusão.

Até que, por fim, retornaram a seus lugares. A Rainha Onça tomou a palavra:

— Queridos súditos! Minha preocupação é, acima de tudo, ser justa! E, como muito bem me lembrou a Doutora Coruja, quando apresentei o concurso, a frase que eu gostaria de ter dito era: “Quem usar a

abóbora para fazer o prato mais saboroso e criativo será o ganhador!”. Mas não foi isso que eu disse. Na realidade, eu disse: “Quem usar a abóbora da forma mais criativa será o ganhador!” De modo que o vencedor, para minha surpresa, só pode ser o animal que teve criatividade para ver na abóbora muito mais do que uma comida...

Todos os presentes disseram juntos:

— É a Preguiça!

Tanto os concorrentes como todos que assistiam concordaram que podia não ser o resultado esperado... mas era o mais justo!

E foi assim que a Preguiça ganhou uma linda casa na árvore!

Em seguida, a Onça convidou todos os animais presentes para saborear um banquete, composto por todos os pratos que haviam concorrido. Nenhum concorrente saiu de mãos abanando: todos receberam prêmios valiosos por seu talento.

Dizem que, depois desse dia, a Rainha Onça virou fã de abóbora, e já está falando em um novo concurso. Desta vez, o tema será... berinjela! Será que a Preguiça vai ter outra ideia?

Criatividade é ver o que os outros não veem!

A CIGARRA E AS FORMIGAS

Toc, toc, toc...

A Formiga Um ouviu o som de batidas na porta do formigueiro.

Com o coração aos pulos, aproximou-se sem fazer qualquer barulho e encostou o ouvido na porta.

O inverno havia chegado e, com ele, um vento gelado que assoviava lá fora. Na época do frio, todas as formigas se encorujavam dentro de casa, bem aquecidas. Já tinham trabalhado bastante durante o verão e enchido a despensa, para que a comida não faltasse nesse período difícil.

O som se repetiu, com mais insistência:

Toc, toc, toc!

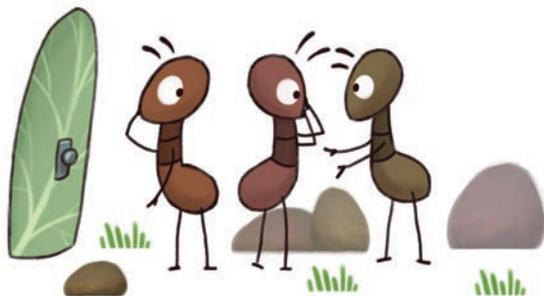
A Formiga Dois também se aproximou na pontinha dos pés e cochichou para a Formiga Um:

— Será que é ela?

— Ela quem? — cochichou a Formiga Três, sem entender por que todas estavam falando baixinho.

— Ela, a cigarra! — disseram quase ao mesmo tempo as duas primeiras, com voz tremida, como se estivessem falando de um fantasma...

— Cigarra? — repetiu a Formiga Três. — Aquela que cantava todo dia no abacateiro aqui ao lado?



— Sim! — responderam as duas.

A Formiga Um explicou:

— O problema é que esta é uma tradição na nossa história... e agora chegou a nossa vez!

— Não queremos ter de fazer isso! — choramingou a Formiga Dois.

— Que tradição é essa? — quis saber a Formiga Três.

Vendo que ela não sabia de nada, as duas resolveram contar.

— Tudo começou com uma fábula chamada “A cigarra e a formiga”. Depois do que aconteceu nela, todos os anos, quando chega o inverno, uma cigarra bate na porta de um formigueiro. Isso se repete há muitas gerações...

— A cigarra sempre chega com frio e com fome. Pede abrigo e um pouco de comida.

As formigas Um e Dois iam contando a fábula para a Três, um pouco cada uma.

— A formiga que abre a porta era como nós: tinha passado o verão inteiro trabalhando e armazenando comida para o inverno. Por isso, ela e todas no seu formigueiro estavam bem alimentadas e não passavam nenhum aperto durante a estação fria.

— Pois é. Nós, formigas, somos previdentes. Não pensamos só no presente: poupamos para o futuro.

— Pensando nisso, a formiga perguntou à cigarra: “E você? O que fazia, durante o tempo bom, que não construiu sua casa nem fez um estoque de comida?”

— A cigarra, tremendo e tossindo muito, respondeu: “Eu cantava...”

— E o que nossa parenta fez? — quis saber, curiosa, a Formiga Três.

— Ela? Bem, ela respondeu: “Ah, você cantava? Pois, então, dance agora!” E bateu a porta na cara da cigarra!

A Formiga Três arregalou os olhos:

— Dance agora? Ela disse isso, coitada da cigarra!

Nesse momento, soou novamente a batida:

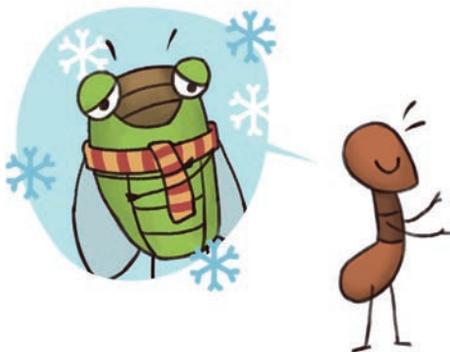
Toc, toc, toc!

As duas ficaram mais nervosas. A Formiga Um continuou:

— Minha avó dizia que a formiga agiu certo, porque “quem não se prepara para o futuro paga sempre um preço alto”.

— Nós concordamos, mas não totalmente — explicou a Formiga Dois. — Formiga é formiga, cigarra é cigarra. A gente não deve achar que as nossas ideias ou o nosso jeito de viver são os únicos certos. Cada um tem sua natureza. A da cigarra é cantar!

— E canta tão lindo! — disse a Formiga Um, fechando os olhinhos, como se estivesse recordando. — Eu ficava feliz sempre que ela começava a cantoria!



— Sim, ela é uma artista! — concordou a Formiga Três.
— E eu acho que a gente deve sempre tentar se colocar no lugar do outro. Isso se chama “empatia”. Aliás, se demormos muito para abrir, ela vai acabar morrendo de frio antes da hora!

A Formiga Um tomou coragem:

— É verdade! Vamos abrir. Mas o que faremos?

A Formiga Dois tomou uma decisão:

— Todas concordam em não seguir a tradição e ajudar a cigarra?

As outras duas disseram juntas:

— Concordamos!

E assim, após esse acordo, abriram a porta.

Mas o que viram foi muito diferente do que tinham imaginado!

A cigarra estava lá, sim, mas bem agasalhada, com um lindo casaco feito de paina.

Diante das três formigas boquiabertas, ela falou:

— Tudo bem, amigas? Então, gente, como nesse tempo de frio não dá para cantar no abacateiro, resolvi abrir uma escola de canto! Vim convidar vocês!

— Ma... mas como? — gaguejaram as formigas. — Você agora tem casa? E dá aulas?

— Claro, né? — respondeu a cigarra, rindo. — Não temos que continuar repetindo para sempre a vida dos nossos avós... Ou vocês pensam que só as formigas conhecem aquela fábula?

As formigas arregalaram os olhos e abriram ainda mais as bocas.

A cigarra continuou:

— E como sei que vocês guardam bastante comida, tive a ideia de perguntar se topariam trocar minhas aulas por um pouco de alimento!

Assim que se refez do espanto, a Formiga Um abriu um enorme sorriso.

— Nossa! Eu ia adorar aprender a cantar!

As outras duas formigas concordaram, entusiasmadas.

As três correram a contar a novidade a todo o formigueiro, que aderiu em peso.

E foi assim que a cigarra passou todos os invernos seguintes sem nunca mais sentir fome. E quando a estação fria passou, as formigas descobriram que o serviço ficava muito mais leve se trabalhassem cantando!

*O mundo seria um lugar melhor se as pessoas
se perguntassem com mais frequência:
“E se fosse comigo?”*



A ABELHA QUE NÃO SABIA FAZER MEL

Era uma vez uma abelhinha. Ela via as outras abelhas tirando o néctar das flores e trabalhando na colmeia, e achava aquilo lindo! Ao mesmo tempo, tinha certeza de que nunca conseguiria fazer o que elas faziam.

Essa abelha quase não voava, porque estava sempre triste, perdida em seus pensamentos. Sentia-se incapaz de, um dia, ser como as outras.

“Nasci no lugar errado”, pensava ela. “Todas as outras abelhas parecem achar tão fácil essa arte de descobrir o néctar nas flores e depois, como se fosse mágica, transformar o néctar em mel, um alimento perfeito e delicioso! Só pra mim parece ser tão difícil...”

Tanto ela insistiu nisso que um dia sua mãe lhe disse:

— Já que você acha que não tem talento para fazer mel, vou ajudar você a descobrir outros talentos.

E, mostrando à filha uma sacolinha amarrada com um fio dourado, Mamãe Abelha explicou:

— Aqui dentro tem um pólen mágico. Ele funciona assim: você escolhe um bichinho que possua um talento que você admira. Em seguida, conta a sua admiração a ele, com um verso bem bonito. Depois, joga o pólen no bicho e em você mesma... e a mágica acontece: o talento irá surgir em você também!



A mãe ainda completou:

— Só tem um detalhe: esse pólen é muito antigo, então o efeito ficou um pouco lento. Você precisa passar uns dias treinando com o outro bicho até a mágica fazer efeito...



Ao ouvir aquilo, a abelha abandonou sua expressão triste e, finalmente, se animou.

No dia seguinte, a abelha estava pousada na grama, quando passou um gafanhoto pulando. Uau! Que pulos incríveis ele dava! Ela quis fazer igual e improvisou uma rima:

— *Gafanhoto querido,
que salta lindo assim,
vou jogar esse pólen
em você e em mim! Posso?*

— Pode, sim! — respondeu o gafanhoto, que era muito simpático e gostou de ter seu pulo elogiado.

Os dois logo fizeram amizade. No começo, a abelhinha não pulou muito bem, mas se lembrou do que a mãe tinha dito: pólen velho, mágica demorada... Continuou insistindo. Em poucos dias, estava saltando quase tão bem como o gafanhoto!

“Caramba, essa mágica funciona mesmo!”, pensava ela enquanto se divertia, pulando pra lá e pra cá com o novo amigo.

Algum tempo depois, a abelha reparou em um caracol que ia passando. Conforme avançava, naquela lentidão costumeira dos caracóis, deixava atrás de si uma trilha desenhada no chão. A abelha perguntou a ele por que aquilo acontecia, e o caracol respondeu:

— É pra eu não me perder, na hora de voltar pra casa!



Ela achou a ideia maravilhosa e, sem perder tempo, inventou uns versinhos:

— *Meu caracol querido,
que traça seu caminho,
vou jogar esse pólen
para fazer igualzinho! Posso?*

— Pode, sim! — respondeu o caracol, que adorou ter seu dom valorizado.

Depois de jogar o pólen, a abelha ficou muito atenta à técnica usada pelo molusco. Em poucos dias, já estava rabiscando o chão e brincando de desenhar trilhas com seu novo amigo!

Dias depois, passou por ela, muito apressada, uma formiga, carregando uma folha de árvore dez vezes mais pesada que ela. A abelhinha se encantou com toda aquela força. Pegou a sacolinha de pólen e criou uma rima bem depressa, antes que a formiga desaparecesse na curva adiante:

— *Formiguinha querida,
com força sem igual,
vou jogar esse pólen
pra ficar tal e qual! Posso?*



— Pode, sim! — respondeu a formiga, que tinha prazer em usar seus músculos.

A abelha, então, jogou o pólen e aceitou o convite da formiga para conhecer o treinamento que ela fazia. Passado algum tempo, finalmente, parecia que mais essa mágica tinha funcionado! A abelhinha ficou tão forte que conseguia voar carregando a formiga nas costas! Quanta risada deram!

Feliz com tudo o que tinha conseguido, a abelha foi contar à sua mãe todas as mágicas que tinha feito com o pólen. E comentou:

— Agora, graças ao pólen mágico, sou uma abelha com vários talentos! Posso ser útil à colmeia com tudo o que aprendi: levando outra abelha nas costas, posso pular de flor em flor e ajudá-la a trabalhar sem se cansar, e muito mais depressa! E nunca perco o caminho de casa!

Sua mãe sorriu:

— Graças ao pólen mágico, não. Graças a você, que se esforçou e ganhou autoconfiança pra ser tudo o que quiser ser... e até mesmo ir além do que possa imaginar!

— E agora? Será que a colmeia vai me aceitar, mesmo que eu não saiba fazer mel?



— Deixe de ser boba! — riu a mãe. — Você sabe, sim!
Toda abelha já nasce sabendo!

E, dando-lhe um empurrãozinho carinhoso, completou:

— Ande! Corre, porque as flores não têm o dia todo
pra esperar!

Ela foi. Quando chegou ao jardim, quem estava lá para
aplaudi-la?

Seus amigos, claro! O gafanhoto, o caracol e a formiga!

E mais a colmeia inteira!

A mágica da vida é a gente que faz!



UM POUCO SOBRE CADA HISTÓRIA...

Na história que abre o livro, *“A Aventura das Aranhas”*, as personagens são duas pequenas aranhas, que saem em busca do melhor lugar para construírem sua teia. Apesar de serem irmãs, têm personalidades completamente opostas. Teca é cheia de ideias e de iniciativa; sonha alto e vê o mundo de um jeito muito próprio. Já Lina, prefere se deixar levar, pois tem preguiça de pensar e de tomar decisões. Até onde a criatividade de Teca levará as duas?

Inspirada em uma antiga lenda judaica, a segunda história, *“Duplo Silêncio”*, conta as dificuldades e incertezas vividas por duas capivaras que trabalham juntas no campo, plantando e nem sempre tendo a recompensa de uma boa colheita. Ao longo do texto, o leitor irá descobrir que a amizade verdadeira nunca tem limites.

E quando um problema não é um problema? Um coelho, cuja impaciência prejudica sua capacidade de observar e interpretar a realidade, é o personagem central da terceira fábula, *“O Rio sem Ponte”*. Incumbido pela mãe de levar um presente ao avô, ele, literalmente, “perde o chão” ao se deparar, no caminho, com um rio que não tinha ponte... Como passar?

Mesmo que tentemos agir de forma correta, é sempre alto o risco de sermos julgados e criticados. Como lidar com isso? Recriada pela autora em forma de poesia, a antiga fábula de Jean de La Fontaine, *“O Velho, o Menino e a Mulinha”*, ganha uma interpretação atual. Nessa história, a prática do *bullying* é mostrada de forma bastante simples: após tentar, sem sucesso, satisfazer a opinião alheia, o protagonista acaba descobrindo a melhor forma de agir.

Na quinta fábula, a personagem central é uma sábia tartaruga. Preocupada com seus vizinhos - animais egoístas, antissociais e invejosos -, ela decide dar uma festa em seu aniversário de 100 anos. Esse é o ponto de partida de *“Os Presentes da Tartaruga”*. Todos foram convidados, sem saber que uma experiência reveladora tinha sido preparada para eles!

Onça come legumes? Em *“A Onça que Queria Comer Abóbora”*, situações fora do comum se sucedem, a começar pelo título. Curiosa para provar pratos feitos com esse legume, a Rainha Onça propõe um concurso culinário entre seus súditos. Ao resolver participar, a Preguiça mostra que sua criatividade vai MUITO além dos dotes culinários, surpreendendo a todos...

Talvez a fábula mais conhecida de todos os tempos seja a clássica *“A Cigarra e a Formiga”*. Contada na Antiguidade pelo escritor grego Esopo, nascido em 621 a.C. e, séculos mais tarde, por La Fontaine, chegou aos dias de hoje com impressionante atualidade. Neste livro, a autora cria uma “continuação” bem-humorada, contando agora com a participação não de uma, mas de três formigas!

Na história *“A Abelha que Não Sabia Fazer Mel”*, uma jovem abelha vive isolada, pois coloca em dúvida a própria capacidade de fazer mel e integrar-se à comunidade da colmeia. Contando com a ajuda de sua mãe, no entanto, acaba se percebendo capaz de dominar habilidades inesperadas.



Leia Comigo!

Com tartarugas, abelhas, onças e outros personagens, as fábulas convocam a nossa imaginação para reflexões e gostosos diálogos... E, assim, vamos aprendendo...

Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



Sobre a autora

Sandra Aymone nasceu no Rio de Janeiro e, apesar de viver em uma cidade grande, teve a sorte de passar a maior parte da sua infância em uma casa com quintal, cheio de árvores e plantas, onde ela e seus três irmãos puderam conviver com vários tipos de bichos: gato, tartaruga, jacu, porquinho-da-índia, periquitos, cachorros e outros mais. Quando não estava brincando ao ar livre, em plena liberdade, estava enroscada na poltrona lendo e relendo seus livros de literatura infantil. Quando cresceu, estudou Magistério e Publicidade. Antes de começar a escrever livros infantis (já publicou mais de 50 títulos), ilustrou dezenas deles, criando desenhos para textos de outros autores. Inventar e escrever histórias para crianças é o trabalho que ela mais gosta de fazer!

Atualmente, mora na Praia do Rosa, em Santa Catarina, onde participa de grupos de voluntários voltados à limpeza das praias e à conscientização das pessoas sobre a importância de preservar a natureza e dar a destinação correta ao lixo.



Sobre o ilustrador

Estúdio Pandora

Em mais de 20 anos conseguimos formar uma grande rede de profissionais que acreditam nos nossos projetos. E, nós, claro, acreditamos em cada um deles, com muita confiança. Dizer que agenciamos ilustradores é muito pouco para o que realmente é o Estúdio Pandora – somos uma comunidade de artistas visuais, em busca pelo melhor resultado, sempre!

Com toda essa versatilidade, temos ilustradores expressivos, viscerais, detalhistas, minimalistas, entre tantas outras peculiaridades, e a nossa tarefa é unir o projeto certo com os artistas certos, para que, assim, tanto o processo quanto o trabalho final sejam únicos e incríveis.